

## Schlange

2022

Como começar um texto numa língua que não conheço? Calma, esqueci que agora escrevo em português, a língua materna. Minha filha chegou da escola ontem a dizer que não fala português, que fala bra-si-lei-ro. Aparentemente, agora sou uma i-migrante, i-ignorante, que ensina errado a língua mãe para a própria filha.

Preferiria mil vezes falar brasileiro, mas de uma forma ou de outra, o idioma que aprendi foi o português no Brasil, e como é lindo. Diferente do português europeu, o nosso é entusiasmado. Reinventado à mistura de tantas línguas engolidas, deglutidas, eliminadas. É violento e vivo. Teria muitas razões para ter vergonha do nosso português, mas não tenho. Sinto orgulho dessa língua plural. Língua do país da cobra grande, “dos filhos do sol, mãe de viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas.”

Escapei de Berlim rumo a Lisboa para sentir o amparo da língua. Na primeira semana na cidade lusa, a minha filha brinca sozinha numa pracinha onde todos parecem compartilhar do mesmo idioma. Ela se aproxima de uma menina com quem quer brincar. A criança não contesta e a minha insiste. Não dizem nada uma a outra, apenas brincam. Existe uma linguagem de corpo entre elas que dispensa palavras. Pergunto à garotinha como ela se chama. Silêncio. A mãe vem me explicar, em inglês, que não falam português, que são de Berlim.

Morei em Berlim durante dois anos e fui embora sem conseguir falar alemão, sem me integrar à cultura nem pertencer à comunidade. Em meu semi-analfabetismo e na busca incessante por uma casa não-temporária, não-mobiliada, não-inflacionada, descobri um con-

junto habitacional destinado ao aluguel social, popularmente conhecido como Schlange que, em português, significa “cobra”. O edifício, por diversas razões, se assemelha a outros por onde passei, mas todos estavam no Brasil e falavam português. Mesmo assim, quis me aproximar do prédio que deu origem a um túnel. Quem sabe, no encontro entre o deslocamento e a permanência de uma rodovia com apartamentos, eu consiga me entender melhor com as pessoas e com a cidade.

Schlange. Ssscccchhhlllllaaaaannnnnnnnggggeee. Sch, o som do chocalho. Lange, longo. Schlange, cobra. Schlangenbader Straße, rua do banho da cobra. Schlangenbad, a cidade do banho da cobra a quase 600 km do Schlange, que mede quase 600 metros.

Minhocão. Minhoca grande. Uma estrutura sinuosa com mais de 300 apartamentos construída sobre a encosta do morro do Pedregulho. O ano era 2009 e foi o primeiro edifício onde morei para trabalhar como artista. Corrijo. Onde fui convidada a morar como artista, mas onde morei como eu mesma e acabei produzindo coisas que podemos chamar de arte, além de convivência e afeto. Dez anos depois, queria fazer algo parecido no Schlange de Berlim, mas a língua me trava, a escassez habitacional também. Não consigo apartamento e não sei puxar assunto com desconhecidos. Não sei entrar em um bar com simpatia para tomar um cafezinho como de costume. Escutei que primeiro vem a desconfiança para depois vir a estranheza. Estranha, estrangeira. Sinto o corpo curvado, travado, tímido. A linguagem do meu corpo é bastante óbvia, é a inconformidade, a incapacidade do encontro. O inquietante, o Unheimlich.

## Schlange

2022

Visito o Schlange muitas vezes. Um dia, na companhia de uma amiga alemã que fala português, uma senhora puxa conversa com a gente, nos abre a porta e nos conduz ao interior da cobra. Imigrante do leste europeu, nos conta que mora no Schlange desde a inauguração em 1980. O ano em que nasci. Uma figura curiosa, interessante e interessada. Entendo parte do que conta, seja pelo meu conhecimento restrito de alemão ou pelo sotaque que desconheço mais ainda. Aceno com a cabeça diante de toda a minha limitação corporal. O esforço para entendê-la e a minha escassez verbal me faz observar mais, desde os detalhes das portas, à decoração dos pequenos corredores adaptados ao longo dos anos, aos jardins particulares, à maneira como a comunidade define seus espaços próprios em um lugar tão impessoal.

Mesmo com muita dificuldade, me aproximo. Levo a filha para brincar no parque da cobra. Assim como eu, ela tem uma câmera de fotos. Não vemos muitas crianças, transitamos, sem percalço, mas com sincero desconforto. O jardim não convida, o brutalismo da arquitetura também não. Não sei se é a pandemia ou a indiferença. A frieza não é só do clima, se é fevereiro ou junho pouco importa. Ainda assim, minha menina escolhe fotografar pequenas coisas que vê pelo caminho. Também decide entrar em uma casinha do parque e preparar um chá de folhas secas pra gente. Invento uma maneira de se adaptar à inospitalidade que se apresenta. Sentamos ali dentro, teto baixíssimo, mesa e bancos de cimento, tudo muito sujo, incômodo, mas com ela descubro um prazer diminuto em estar. Aprendo com a curiosidade da criança a superar a inflexibilidade do corpo adulto.

Apesar da escala oposta e da distância geográfica, o Schlange me remete ao primeiro lugar onde moramos em Berlim, um conjunto de blocos de apartamentos em Heinersdorf, na parte nordeste da cidade. Ambos estão em áreas de expansão, fora do anel cosmopolita, e estão repletos de moradores idosos e famílias recém-formadas. Em Heinersdorf aprendi a traduzir os bilhetes que uma vizinha atenciosa deixava em nossa porta. Suponho que seja uma vizinha porque nunca soube o seu nome; na assinatura só constava o número de seu apartamento. Junto às mensagens de felicitações pelos feriados, vinham roupinhas para a minha filha e chocolates. Era de uma alegria ímpar saber que alguém, ainda que anônimo, se importava com a nossa presença ali. As más línguas poderiam dizer que era mandinga dela, que os chocolates estariam envenenados. Eu aceitava tudo com prazer e fazia questão de responder às mensagens com o carinho brasileiro que me saía em palavras alemãs provenientes do Deepl.

Sempre que visito o Schlange me imagino morando lá e tenho a certeza de que não quero morar lá. O primeiro conjunto de apartamentos e espaços comerciais mantém a escala baixa do bairro. Entre ele e os demais blocos existe um bom intervalo, uma área de suposto convívio a céu aberto e algum comércio também. Então a cobra vai se erguendo aos poucos, varandas em degraus, de modo que não é possível confrontá-la logo de frente. 46 metros de altura. 1.752 apartamentos, muitos deles sobre um túnel rodoviário de quase um quilômetro de comprimento. Quase um quilômetro de cobra.

## Schlange

2022

Os acessos segmentados por blocos são marcados pelo padrão de cores, o desenho inóspito, duro. Amarelo ovo, azul marinho. As portarias repetidas que só se diferem pelos quadros de aviso. Muitas cadeiras de roda e carrinhos de bebê estacionados. As lâmpadas frias fluorescentes e o isolamento provocado pelo excesso de segurança e proteção contra fogo, som e pessoas. O piso quadriculado na portaria é tal o usado na parede da garagem do Copan. O piso emborrachado preto com bolinhas em alto relevo. Ferros, metais. Tetos baixos, corredores labirínticos. Tudo me faz lembrar datadas instituições públicas com ares industriais. A garagem é quem encosta no túnel e é um dos poucos lugares onde se pode sentir a ritmada batida da velocidade. Ao subir umas quantas rampas, escadas e elevadores, por fim a surpresa das vistas, as varandas avantajadas, a paisagem que ultrapassa os olhos. Vê-se Berlim em perspectivas inesperadas: de um lado os bosques de Grunewald e do outro a cidade engolindo o antigo feudo. A igreja que deu início a toda uma urbanização de casinhas e edifícios baixos, até subir a cobra grande que vai se insinuando aos poucos, traiçoeira, escalonada.

Já pensou morar sobre um túnel?

No Rio de Janeiro existem dois Minhocões: o da Gávea e o do morro do Pedregulho, ambos projetados pelo mesmo arquiteto. As pessoas em geral chamam o primeiro de Minhocão e o segundo de Pedregulho, mas quem mora no Pedregulho também o chama de Minhocão porque o Pedregulho de verdade é um largo ao pé da Mangueira. O Minhocão da Gávea está construído sobre um túnel acústico. A diferença é que o túnel atravessa a montanha onde está o edifício. Já o Schlange é quem deu origem ao

túnel. Construíram o prédio sobre uma rodovia amparados pela justificativa da falta de terras habitáveis e por um desejo incontável de gastar fortunas para levantar possíveis ícones. Uma utopia um tanto influenciada pelo modernismo da década de 1950 que deu origem aos nossos Minhocões.

O Schlange virou monumento em 2017. Visito pelo lado de fora do túnel, ele mais se parece a um transatlântico, um navio atracado sobre um túnel na rua onde a cobra se banha.

Nunca fui ao Schlange de carro, nunca atravessei a A104, o túnel da Schlangenbader Straße. Túnel que liga duas partes da cidade sem qualquer relação com a minha vida: Steglitz e Wilmersdorf. Praticamente não ando de carro em Berlim. Sempre chego e saio de bicicleta e faço questão de pegar caminhos diversos para entender melhor as dinâmicas dos bairros. Desbravo ruas desconhecidas e recupero a capacidade de sonhar. Ciclistas se cumprimentam com os olhos, sinalizam com as mãos. Em Berlim, somos respeitados e respeitamos o trânsito, na maioria das vezes. A bicicleta é a linguagem que uso para sobreviver à cidade; um meio de locomoção e de reconhecimento entre tantas pessoas.

Me deixo perder para me encontrar na cidade, mesmo sem me reconhecer totalmente. Em uma das voltas pelo Schlange, estico o pedal até o Tiergarten, Altonaerstraße, e encontro pela primeira vez uma série de edifícios que me parecem muito familiares. Estaciono a bicicleta como se sempre frequentasse aquele lugar e percorro os pilotis modernistas sem a menor atadura, como se conhecesse de cor as suas linhas. Procuo no Google Maps e descubro que aquele conjunto habitacional se chama Interbau

## **Schlange**

2022

Apartment House Oscar Niemeyer. Me imagino morando ali e tenho a certeza de que não quero morar ali. Estranho até o que me é muito familiar.

Não foi só no Schlange que não conseguimos casa. Foram dois anos sem endereço permanente, como se fôssemos incapazes ou se não merecêssemos ter um lugar fixo para morar em Berlim. Foi assim que decidimos buscar refúgio na língua. Lisboa nos deu um apartamento no dia seguinte da nossa chegada e nos trouxe novamente a capacidade de sonhar. E assim, a casa passou a ser a linguagem para conviver na cidade outra vez.

# Schlange

2022

Wie beginne ich einen Text in einer Sprache, die ich nicht kenne? Moment, ich habe vergessen, dass ich jetzt auf Portugiesisch schreibe, meiner Muttersprache. Meine Tochter kam gestern von der Schule nach Hause und sagte, sie spreche kein Portugiesisch, sondern Portugiesisch. Offenbar bin ich jetzt eine Einwanderer, Unwissend, die ihrer eigenen Tochter die Muttersprache falsch beibringt.

Ich würde viel lieber Brasilianisch sprechen, aber so oder so, die Sprache, die ich gelernt habe, war das brasilianische Portugiesisch, und wie schön es ist. Im Gegensatz zum europäischen Portugiesisch ist unser Portugiesisch enthusiastisch. Neu erfunden durch die Vermischung so vieler Sprachen, verschluckt, verschluckt, eliminiert. Sie ist gewalttätig und lebendig. Ich hätte viele Gründe, mich für unser Portugiesisch zu schämen, aber ich tue es nicht. Ich bin stolz auf diese plurale Sprache. Sprache des Landes der großen Schlange, "der Kinder der Sonne, Mutter der Lebenden". Gefunden und heftig geliebt, mit der ganzen Heuchelei der Sehnsucht, von den Einwanderern, den Geschäftemachern und den Touristen."

Ich bin von Berlin nach Lissabon geflohen, um die Unterstützung durch die Sprache zu spüren. In der ersten Woche in der portugiesischen Stadt spielt meine Tochter allein auf einem kleinen Platz, wo alle dieselbe Sprache zu sprechen scheinen. Sie spricht ein kleines Mädchen an, mit dem sie spielen möchte. Das Kind hat nichts dagegen, aber meine Tochter besteht darauf. Sie sagen nichts zueinander, sie spielen einfach. Es gibt eine Körpersprache zwischen ihnen, die keine Worte braucht. Ich frage das kleine Mädchen, wie sie heißt. Schweigen. Die Mutter kommt und erklärt mir auf Englisch,

dass sie kein Portugiesisch sprechen: Sie kommen aus Berlin.

Ich habe zwei Jahre lang in Berlin gelebt und bin weggegangen, ohne Deutsch zu sprechen, ohne mich in die Kultur zu integrieren und ohne zur Gemeinschaft zu gehören. Auf der Suche nach einer nicht provisorischen, nicht möblierten und nicht aufgeblähten Wohnung stieß ich auf einen sozialen Mietwohnungskomplex, der im Volksmund Schlange genannt wird, was auf Portugiesisch Schlange" bedeutet. Das Gebäude ähnelt aus verschiedenen Gründen anderen, an denen ich schon vorbeigekommen bin, aber alle waren in Brasilien und sprachen Portugiesisch. Trotzdem wollte ich näher an das Gebäude herankommen, aus dem ein Tunnel entstanden ist. Wer weiß, vielleicht kann ich mich in der Begegnung zwischen Vertreibung und der Permanenz einer Autobahn mit Wohnungen besser mit den Menschen und der Stadt verstehen.

Schlange. Sssccccchhhlllllaaaaannnnnnnggggeee. Sch, der Klang der Rassel. Lange, lang. Schlange. Schlangenbader Straße, Straße des Schlangenbades. Schlangenbad, die Schlangenbadestadt fast 600 Kilometer von der Schlange entfernt, die fast 600 Meter lang ist.

Wurm. Großer Wurm. Eine gewundene Struktur mit mehr als 300 Wohnungen, die am Hang des Pedregulho-Hügels gebaut wurde. Man schrieb das Jahr 2009 und es war das erste Gebäude, in dem ich wohnte, um als Künstlerin zu arbeiten. Ich korrigiere. Ich wurde eingeladen, dort als Künstler zu leben, aber ich lebte dort als ich selbst und produzierte schließlich Dinge, die man als Kunst bezeichnen kann, aber auch Geselligkeit und Zuneigung. Zehn Jahre später wollte ich etwas Ähnliches in der

# Schlange

2022

Berliner Schlange machen, aber die Sprache hält mich zurück, ebenso wie die Wohnungsnot. Ich bekomme keine Wohnung und weiß nicht, wie ich mit Fremden ins Gespräch kommen soll. Ich weiß nicht, wie ich in eine nette Bar gehen soll, um wie üblich eine Tasse Kaffee zu trinken. Ich habe gehört, dass zuerst das Misstrauen kommt, und dann die Fremdheit. Seltsam, fremd. Mein Körper fühlt sich gekrümmt, verschlossen, schüchtern an. Die Sprache meines Körpers ist ganz offensichtlich, es ist die Unangepasstheit, die Unfähigkeit der Begegnung. Das Beunruhigende, das Unheimliche.

Ich besuche die Schlange oft. Eines Tages, in Begleitung eines deutschen Freundes, der Portugiesisch spricht, kommt eine Dame mit uns ins Gespräch, öffnet die Tür und führt uns ins Innere der Schlange. Sie ist eine Einwanderin aus Osteuropa und erzählt uns, dass sie seit der Eröffnung 1980 in der Schlange lebt. Das Jahr, in dem ich geboren wurde. Eine neugierige, interessante und interessierte Person. Ich verstehe einen Teil von dem, was er sagt, entweder wegen meiner begrenzten Deutschkenntnisse oder wegen meines ungewohnten Akzents. Ich nicke mit dem Kopf, trotz meiner körperlichen Einschränkungen. Das Bemühen, sie zu verstehen, und meine sprachliche Unzulänglichkeit veranlassen mich, mehr zu beobachten, von den Details der Türen über die Dekoration der kleinen Gänge, die im Laufe der Jahre angepasst wurden, bis hin zu den privaten Gärten und der Art und Weise, wie die Gemeinschaft ihre eigenen Räume an einem so unpersönlichen Ort definiert.

Auch wenn es mir sehr schwer fällt, komme ich näher heran. Ich nehme meine Tochter zum

Spielen in den Schlangenpark mit. Genau wie ich hat sie einen Fotoapparat. Wir sehen nicht viele Kinder, wir gehen durch, ohne Missgeschick, aber mit aufrichtigem Unbehagen. Der Garten ist nicht einladend, ebenso wenig wie der Brutalismus der Architektur. Ich weiß nicht, ob es an der Pandemie oder an der Gleichgültigkeit liegt. Die Kälte ist nicht nur eine Frage des Wetters, ob es Februar oder Juni ist, spielt keine Rolle. Trotzdem fotografiert mein kleines Mädchen die kleinen Dinge, die sie auf dem Weg sieht. Sie beschließt auch, in ein kleines Haus im Park zu gehen und uns einen Tee aus getrockneten Blättern zu machen. Sie erfindet einen Weg, um sich an die Unwirtlichkeit anzupassen, die sich uns bietet. Wir sitzen drinnen, mit einer sehr niedrigen Decke, einem Zementtisch und Bänken, alles sehr schmutzig und ungemütlich, aber mit ihr entdecke ich eine kleine Freude daran, dort zu sein. Ich lerne mit der Neugier des Kindes, die Unbeweglichkeit des erwachsenen Körpers zu überwinden.

Trotz des entgegengesetzten Maßstabs und der geografischen Entfernung erinnert mich die Schlange an den ersten Ort, an dem wir in Berlin lebten, eine Reihe von Wohnblöcken in Heinersdorf, im nordöstlichen Teil der Stadt. Beide befinden sich in weitläufigen Gebieten außerhalb des kosmopolitischen Rings und sind mit älteren Bewohnern und neu gegründeten Familien bevölkert. In Heinersdorf habe ich gelernt, die Zettel zu übersetzen, die eine aufmerksame Nachbarin vor unserer Haustür hinterließ. Ich nehme an, dass es sich um eine Nachbarin handelt, denn ich kannte ihren Namen nicht; auf der Unterschrift stand nur ihre Wohnungsnummer. Zusammen mit den Glückwünschen zu den Feiertagen kamen auch

## Schlange

2022

Kleider für meine Tochter und Pralinen. Es war eine einzigartige Freude zu wissen, dass sich jemand, wenn auch anonym, für unsere Anwesenheit interessierte. Böse Zungen könnten behaupten, dass es auf ihren Wunsch hin geschah, dass die Pralinen vergiftet waren. Ich nahm alles mit Freude an und bemühte mich, die Nachrichten mit der brasilianischen Zuneigung zu beantworten, die mir in deutschen Worten aus dem Deepl entgegenkam.

Jedes Mal, wenn ich die Schlange besuche, stelle ich mir vor, dort zu leben, und ich bin mir sicher, dass ich dort nicht leben möchte. Die erste Reihe von Wohnungen und Gewerberäumen behält den niedrigen Maßstab des Viertels bei. Zwischen ihm und den anderen Blöcken gibt es eine gute Lücke, ein vermeintliches Freiluft-Wohngebiet, und auch etwas Einzelhandel. Dann steigt die Schlange langsam an, mit stufenförmigen Balkonen, so dass man ihr nicht direkt gegenüberstehen kann. 46 Meter hoch. 1.752 Wohnungen, viele davon über einem fast einen Kilometer langen Straßentunnel. Eine fast einen Kilometer lange Schlange.

Die durch Blöcke unterteilten Zugänge sind durch das Farbmuster, das unwirtliche, harte Design, gekennzeichnet. Eiergelb, Marineblau. Die sich wiederholende Hausmeisterei, die sich nur durch die Aushänge unterscheidet. Viele Rollstühle und geparkte Kinderwagen. Die kalten Leuchtstoffröhren und die Isolation durch übermäßige Sicherheit und Schutz vor Feuer, Lärm und Menschen. Der karierte Fußboden in der Lobby ist genau wie der in der Copan-Garage. Der schwarze gummierte Boden mit erhobenen Punkten. Eisen, Metall. Niedrige Decken, labyrinthische Gänge. Alles erinnert mich an veraltete öffentliche Einrichtungen mit einem

industriellen Flair. Die Garage ist diejenige, die in den Tunnel führt, und sie ist einer der wenigen Orte, an denen man den rhythmischen Rhythmus der Geschwindigkeit spüren kann. Wenn man ein paar Rampen, Treppen und Aufzüge hinaufsteigt, wird man schließlich von der Aussicht überrascht, von den großen Balkonen, von der Landschaft, die man vor Augen hat. Man sieht Berlin aus unerwarteten Perspektiven: der Grunewald auf der einen Seite und die Stadt, die das alte Lehen verschluckt, auf der anderen. Die Kirche, aus der eine ganze Urbanisierung aus kleinen Häusern und niedrigen Gebäuden hervorging, bis hin zu der großen Schlange, die sich nach und nach einschleicht, tückisch, gestaffelt.

Haben Sie schon einmal daran gedacht, über einem Tunnel zu wohnen?

In Rio de Janeiro gibt es zwei “Minhocões”: den in Gávea und den auf dem Pedregulho-Hügel, beide vom selben Architekten entworfen. Normalerweise nennt man den ersten Minhocão und den zweiten Pedregulho, aber die Bewohner des Pedregulho nennen ihn auch Minhocão, denn der echte Pedregulho ist ein Platz von Mangueira. Der Gávea Minhocão ist über einem akustischen Tunnel gebaut. Der Unterschied besteht darin, dass der Tunnel den Berg durchquert, auf dem das Gebäude steht. Die Schlange hingegen ist diejenige, von der der Tunnel stammt. Sie errichteten das Gebäude über einer Autobahn und begründeten dies mit dem Mangel an bewohnbarem Land und dem unbändigen Wunsch, ein Vermögen auszugeben, um mögliche Ikonen zu errichten. Eine Utopie, die ein wenig vom Modernismus der 1950er Jahre beeinflusst ist, aus dem unsere “Minhocões” entstanden sind.

## Schlange

2022

Seit 2017 ist die Schlange ein Denkmal. Von außen betrachtet sieht sie eher wie ein Ozeandampfer aus, ein Schiff, das über einem Tunnel in der Straße, in der die Schlange badet, vertäut ist.

Ich war noch nie mit dem Auto in der Schlange, bin noch nie über die A104 gefahren, den Tunnel der Schlangebader Straße. Der Tunnel verbindet zwei Stadtteile, die nichts mit meinem Leben zu tun haben: Steglitz und Wilmersdorf. Ich fahre in Berlin praktisch nicht mit dem Auto. Ich fahre immer mit dem Fahrrad hin und zurück, und ich lege Wert darauf, verschiedene Routen zu nehmen, um die Dynamik der Stadtteile besser zu verstehen. Ich erkunde unbekannte Straßen und gewinne die Fähigkeit zu träumen zurück. Radfahrer grüßen sich mit den Augen und geben sich mit den Händen Zeichen. In Berlin werden wir respektiert und wir respektieren den Verkehr, meistens. Das Fahrrad ist die Sprache, die ich benutze, um in der Stadt zu überleben; ein Mittel zur Fortbewegung und Anerkennung unter so vielen Menschen.

Ich verliere mich, um mich in der Stadt zurechtzufinden, auch wenn ich mich selbst nicht ganz erkenne. Auf einer der Fahrten um die Schlange trete ich in die Pedale bis zum Tiergarten, Altonaerstraße, und begegne zum ersten Mal einer Reihe von Gebäuden, die mir sehr vertraut erscheinen. Ich stelle mein Fahrrad ab, als wäre ich schon immer dort gefahren, und fahre problemlos an den modernistischen Pilastern entlang, als würde ich ihre Linien auswendig kennen. Ich schaue auf Google Maps nach und entdecke, dass der Name des Wohnkomplexes Interbau Apartment House Oscar Niemeyer lautet. Ich stelle mir vor, dass

ich dort wohne, und bin mir sicher, dass ich dort nicht wohnen möchte. Selbst das, was mir sehr vertraut ist, finde ich seltsam.

Nicht nur in Schlange haben wir kein Haus bekommen. Es waren zwei Jahre ohne festen Wohnsitz, als wären wir unfähig oder hätten es nicht verdient, einen festen Wohnsitz in Berlin zu haben. So beschlossen wir, in der Sprache Zuflucht zu suchen. Lissabon schenkte uns am Tag nach unserer Ankunft eine Wohnung und brachte uns wieder die Fähigkeit zu träumen. Und so wurde die Heimat wieder zur Sprache des Lebens in der Stadt.

# Schlange

2022

How do I begin a text in a language I don't know? Wait. I forgot that now I write in Portuguese, my mother tongue. My daughter came home from school yesterday saying that she doesn't speak Portuguese, that she speaks Portuguese. Apparently I am now an i-migrant, i-ignorant, who teaches her own daughter the mother tongue wrong.

I would much rather speak Brazilian, but one way or another, the language I learned was Portuguese in Brazil, and how beautiful it is. Unlike European Portuguese, ours is enthusiastic. Reinvented by the mixture of so many languages swallowed, swallowed, eliminated. It is violent and alive. I would have many reasons to be ashamed of our Portuguese, but I am not. I am proud of this plural language. Language of the country of the great snake, "of the children of the sun, mother of the living. Found and loved fiercely, with all the hypocrisy of longing, by the immigrants, the trafficked and the touristes."

I escaped Berlin for Lisbon to feel the support of the language. In the first week in the Portuguese city, my daughter plays alone in a little square where everyone seems to share the same language. She approaches a little girl with whom she wants to play. The child doesn't object and mine insists. They don't say anything to each other, they just play. There is a body language between them that needs no words. I ask the little girl what her name is. Silence. The mother comes to explain to me, in English, that they don't speak Portuguese: they are from Berlin.

I lived in Berlin for two years and left without being able to speak German, without integrating into the culture and without belonging to the community. In my semi-literacy and in the

incessant search for a non-temporary, non-furnished, non-inflated house, I discovered a social rental housing complex, popularly known as Schlange, which in Portuguese means "snake". The building, for various reasons, resembles others that I have passed through, but everyone was in Brazil and spoke Portuguese. Even so, I wanted to get closer to the building that gave rise to a tunnel. Who knows, maybe in the encounter between displacement and the permanence of a highway with apartments, I will be able to better understand myself with the people and the city.

Schlange. Ssscccchhhlllllaaaaannnnnnnggggeee. Sch, the sound of the rattle. Lange, long. Schlange, snake. Schlangenbader Straße, street of the snake bath. Schlangenbad, the snake bathing town almost 600 kilometers from the Schlange, which is almost 600 meters long.

Worm. Big worm. A sinuous structure with more than 300 apartments built on the slope of the Pedregulho hill. The year was 2009 and it was the first building I lived in to work as an artist. Correction. Where I was invited to live as an artist, but where I lived as myself and ended up producing things that we can call art, as well as conviviality and affection. Ten years later, I wanted to do something similar in Berlin's Schlange, but language holds me back, so does the housing shortage. I can't get an apartment, and I don't know how to make conversation with strangers. I don't know how to walk into a nice bar to have a cup of coffee as usual. I have heard that first comes distrust, and then comes strangeness. Strange, foreign. My body feels curved, locked, shy. The language of my body is quite obvious, it is the nonconformity, the incapacity of encounter.

## Schlange

2022

The unsettling, the Unheimlich.

I visit Schlange often. One day, in the company of a German friend who speaks Portuguese, a lady strikes up a conversation with us, opens the door and leads us inside the snake. An immigrant from Eastern Europe, she tells us that she has lived in the Schlange since its opening in 1980. The year I was born. A curious, interesting and interested figure. I understand part of what he says, either because of my limited knowledge of German or because of my unfamiliar accent. I nod my head in the face of all my bodily limitations. The effort to understand her and my verbal scarcity makes me observe more, from the details of the doors, to the decoration of the small corridors adapted over the years, to the private gardens, to the way the community defines its own spaces in such an impersonal place.

Even with great difficulty, I get closer. I take my daughter to play in the snake park. Just like me, she has a photo camera. We don't see many children, we pass through, without mishap, but with sincere discomfort. The garden is not inviting, neither is the brutalism of the architecture. I don't know if it is the pandemic or the indifference. The coldness is not only the weather, whether it is February or June, it matters little. Even so, my little girl chooses to photograph the little things she sees along the way. She also decides to go into a little house in the park and make us some dried leaf tea. She invents a way to adapt to the inhospitality that presents itself. We sit inside, with a very low ceiling, cement table and benches, all very dirty and uncomfortable, but with her I discover a tiny pleasure in being there. I learn with the child's curiosity to overcome the inflexibility of the adult body.

Despite the opposite scale and geographical distance, the Schlange reminds me of the first place we lived in Berlin, a set of apartment blocks in Heinersdorf, in the northeast part of the city. Both are in sprawling areas, outside the cosmopolitan ring, and are filled with elderly residents and newly formed families. In Heinersdorf I learned to translate the notes that a thoughtful neighbor would leave on our doorstep. I suppose she is a neighbor because I never knew her name; the signature only showed her apartment number. Along with the messages of congratulations for the holidays came clothes for my daughter and chocolates. It was a unique joy to know that someone, even if anonymous, cared about our presence there. The bad tongues could say that it was her behest, that the chocolates were poisoned. I accepted everything with pleasure and made a point of answering the messages with the Brazilian affection that came to me in German words from the Deepl.

Every time I visit the Schlange I imagine myself living there and I am sure I don't want to live there. The first set of apartments and commercial spaces maintains the low scale of the neighborhood. Between it and the other blocks there is a good gap, a supposedly open-air living area, and some retail too. Then the snake slowly rises, balconies in steps, so that it is not possible to confront it right in front of you. 46 meters high. 1,752 apartments, many of them over a road tunnel almost a kilometer long. Almost one kilometer of snake.

The accesses segmented by blocks are marked by the color pattern, the inhospitable, hard design. Egg yellow, navy blue. The repeated building concierge that only differ by the

## Schlange

2022

bulletin boards. Many wheelchairs and parked baby strollers. The cold fluorescent lights and the isolation caused by excessive security and protection against fire, sound and people. The checkered floor in the lobby is just like the one used in the Copan garage wall. The black rubberized floor with raised dots. Iron, metal. Low ceilings, labyrinthine corridors. Everything reminds me of dated public institutions with an industrial air. The garage is the one that pulls into the tunnel and is one of the few places where you can feel the rhythmic beat of speed. As you climb a few ramps, stairs, and elevators, finally the surprise of the views, the large balconies, the landscape beyond your eyes. You see Berlin from unexpected perspectives: the Grunewald woods on one side and the city swallowing the old fief on the other. The church that gave rise to an entire urbanization of small houses and low buildings, until the big snake that insinuates itself little by little, treacherous, staggered.

Have you ever thought of living over a tunnel?

In Rio de Janeiro there are two “Minhocões”: the one in Gávea and the one on Pedregulho Hill, both designed by the same architect. People usually call the first one Minhocão and the second one Pedregulho, but those who live in Pedregulho also call it Minhocão, because the real Pedregulho is a square by Mangueira. The Gávea Minhocão is built over an acoustic tunnel. The difference is that the tunnel crosses the mountain where the building stands. The Schlange, on the other hand, is the one that originated the tunnel. They built the building over a highway supported by the justification of the lack of habitable land and by an uncon-

trollable desire to spend fortunes to raise possible icons. A utopia somewhat influenced by the modernism of the 1950s that gave origin to our “Minhocões”.

The Schlange became a monument in 2017. Seen from outside the tunnel, it looks more like an ocean liner, a ship moored over a tunnel in the street where the snake bathes.

I have never been to the Schlange by car, never crossed the A104, the Schlangenbader Straße tunnel. The tunnel connects two parts of the city that have nothing to do with my life: Steglitz and Wilmersdorf. I practically do not drive in Berlin. I always get there and get out by bike and I make a point of taking different routes to better understand the dynamics of the neighborhoods. I explore unknown streets and recover the capacity to dream. Cyclists greet each other with their eyes and signal with their hands. In Berlin, we are respected and we respect the traffic, most of the time. The bicycle is the language I use to survive the city; a means of locomotion and recognition among so many people.

I let myself get lost to find myself in the city, even without fully recognizing myself. On one of the rides around the Schlange, I stretch the pedal to the Tiergarten, Altonaerstraße, and encounter for the first time a series of buildings that seem very familiar to me. I park my bike as if I had always ridden there and ride along the modernist pilasters without the slightest hitch, as if I knew their lines by heart. I look it up on Google Maps and discover that the name of that housing complex is Interbau Apartment House Oscar Niemeyer. I imagine myself living there and I am sure that I don't want to live there. I find even what is very familiar strange.

It was not only in Schlange that we did not get a house. It was two years without a permanent address, as if we were incapable or did not deserve to have a fixed place to live in Berlin. That is how we decided to seek refuge in the language. Lisbon gave us an apartment the day after we arrived and brought us again the ability to dream. And so, home became the language for living in the city again.

## **Schlange**

2022